

Remanescentes de um quilombo perdido conquistam a posse da terra em Paraty

Comunidade de descendentes de escravos recebe hoje o título de propriedade

Daniela Matta

• De escravos a senhores da terra. Mais de 150 anos depois de seus antepassados terem se instalado numa área ao sul do estado, 300 pessoas recebem hoje o título de posse de 287 hectares da região batizada de Campinho da Independência. É a primeira a ter esse benefício no Estado do Rio. A comunidade — 85 casas, duas igrejas, três bares e uma mercearia — vai comemorar o feito hoje ao lado do embaixador da África do Sul, Mbulelo Rakwena, e da vice-governadora, Benedita da Silva, numa festa de 48 horas.

— Essas terras sempre foram nossas. Só que agora está escrito — diz Maria Adelaide Martins, de 77 anos, mãe de sete, avó de 26 e bisavó de 15.

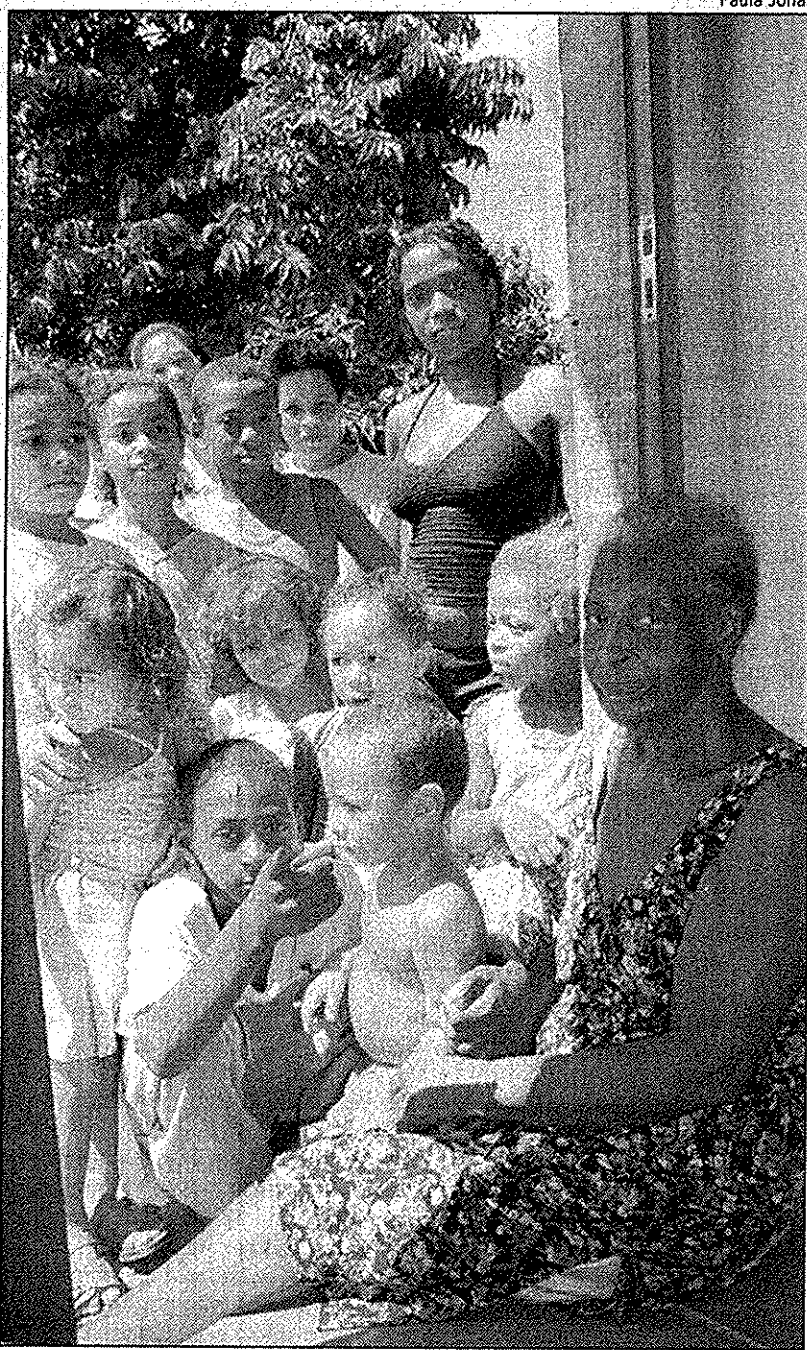
A luta pela posse da área começou há quase 30 anos com um processo por usucapião, ainda hoje na Justiça. Desde então, diversas vezes os moradores foram abordados por pretensos donos daquelas terras. Formado por um vale coberto de Mata Atlântica e cachoeiras, o local se tornou ainda mais cobiçado com a construção da BR-101 (Rio-Santos) na década de 70. E resistiu.

O progresso em Campinho se resume à luz elétrica

Com a estrada cortando suas terras, Campinho teve contato também com o progresso. Mas não o absorveu completamente. Parte das casas da comunidade não tem sequer luz elétrica. Telefone é um sonho comum a todos. Mas não passa disso. O lugar conta com poucos recursos do Governo. O único posto médico não funciona e a escolinha atende aos alunos só até a 4ª série.

A principal diversão da comunidade está no nome do lugarejo. No início, era apenas Independência. Campinho foi anexado numa referência ao campo de futebol que ocupa lugar central na geografia e na vida dos moradores. Tudo é motivo para um joguinho. Até mesmo hoje, na festa de entrega da posse, tem partida entre o time local e o de Paraty.

Já a memória de Campinho da Independência é feita de fragmentos. Os mais velhos contam que a comunidade surgiu há pouco mais de 150 anos quando três escravas se instalaram nas terras, a



Paula Johas

MARIA ADELAIDE (em primeiro plano): "Essas terras sempre foram nossas"

20 quilômetros de Paraty. São chamadas de "mulheres dotadas de saber" já que viviam dentro da Casa Grande cuidando das crianças, dos cabelos das sinhás e das costuras. Com a decadência do ciclo do ouro, ganharam o direito de viver nas terras hoje batizadas de Campinho da Independência.

Ali teria existido também o Quilombo Independência, que abrigava os escravos fujões. Os sobrenomes atestam a origem dos moradores de Campinho. A maioria se chama Martins, Conceição, dos Santos ou Nascimento. Em Campinho, todos são primos, sobrinhos ou netos uns dos outros. Poucos, no entanto, mantêm há-

bitos dos seus antepassados. O artesanato com fibras e plantas da região é uma das poucas formas de preservação da cultura. E também de sustento.

Condomínio rico é a principal fonte de renda

A principal fonte de renda de Campinho, no entanto, é um condomínio vizinho de classe média alta, onde os descendentes de escravos trabalham como empregadas domésticas, caseiros e mordomos. O direito definitivo às terras se baseou no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias do Governo federal, que determina o reconhecimento

Negros querem recuperar sua história

• Valentim Conceição tem 73 anos e a responsabilidade de ser o dono do passado de Campinho da Independência. Cabe a ele contar as histórias e guardar as lembranças do lugarejo. Valentim chegou a conhecer uma das escravas que fundou Campinho. Maria Luíza era sua bisavó e morreu quando ele tinha apenas 4 anos. A única recordação é a imagem da antiga escrava já com mais de um século de vida pitando o cachimbo de barro.

Com a posse das terras nas mãos, os moradores querem agora reavivar a memória da comunidade. O trabalho vai começar num antigo barraco de madeira e sapê que será transformado em museu. Ali serão expostas peças das antigas fazendas e de seus escravos. O Governo estadual também pretende incentivar o grupo. O turismo será incentivado com a criação de trilhas e a valorização da cultura dos negros. Contadores de história e a criação de um centro cultural são alguns dos projetos que poderão atrair turistas.

da posse de terras onde vivam grupos de remanescentes negros. A importância e veracidade da descendência dos moradores de Campinho foram atestadas pela Fundação Cultural Palmares, ligada ao Ministério da Cultura, e pela antropóloga Neusa Mendes de Gusmão, que durante quase 30 anos estudou a comunidade.

O Governo estadual promete estender esse benefício para outras comunidades. Pelo menos 13 estão sendo analisadas e uma, em São Pedro d'Aldeia, receberá o título das terras ainda em novembro. A de Campinho é a terceira no Brasil a receber o título de posse das terras. ■